

Se houver interesse em montar essa peça, favor solicitar à autora.

República Comuna,  
de, Glória Teixeira

Cenário – Um quarto público, com preço simbólico, onde pessoas passam pequenas ou até longas temporadas, enquanto buscam (ou não) algo melhor para a vida.

PERSONAGENS:

**D. Biela** (mulher de meia idade, vive sozinha, tem muita raiva da vida e enfrenta qualquer um, sem medo).

**Mãe** (fala dormindo, coisas que leu em uma biblioteca, durante os anos em que trabalhou como faxineira. É deficiente mental. É mãe do **Maizena** ).

**Maisena** –(Rapaz gago. Rouba para sustentar a mãe e amigos da pensão)

**Ana** – (Trabalha desamassando painéis e é irmã de **Tania**)

**Tania** – (tem uma doença gravíssima, respiratória. Vive com falta de ar e tossindo).

**Nogueira** – (Viciado em álcool, faz parceria com Ana, que tenta controlá-lo. Não tem mais qualquer esperança que não esteja depositada no álcool).

**Ju** – (Jovem, apaixonada por personagens de livro. Sua vida é chorar e lamentar-se por ficar sozinha e sentir-se traída pelas personagens).

**Jane** – (Não suporta a choradeira de Ju e destrói seus livros, tentando ver-se livre de tanta loucura. Também vive só. É filha de **Madame Lilás**).

**Madame Lilás** – (Mãe de Jane, já teve condições financeiras mas perdeu tudo e tenta casar a filha com marido rico. É trapaceira. Finge ler a sorte das pessoas através do baralho)

**Sara** – (Mulher traída que busca explicações nas cartas de Madame Lilás)

**Atriz** – (Moça que luta para sair daquela vida, através do teatro)

**Diretor de companhia teatral** – (participação especial de um ator conhecido, a ser convidado, para representar dono da trupe que passará para buscar a Atriz).

República Comuna (REDUZIDO)  
Glória Teixeira.

CENÁRIO:

Um único **quarto** com camas espalhadas por todo o espaço, principalmente nas paredes, em **posição vertical**, e no chão, **inclinadas**, que determinam o espaço de cada um, ou cada família.

É noite. Pequenos focos de luzes, acesas, iluminam um ambiente sujo. Sons de buzinas, gritos eventuais e outros barulhos povoam a noite naquele lugar.

**Jane** – (tentando dormir, cabeça coberta, vira-se freneticamente de lado. Bruscamente senta-se na cama e grita): Ôhhhhhhhh infeeerno! (volta a deitar-se e cobre a cabeça).

**D. Biela** – Cala a boca! Lilás, manda sua filha parar de xingar!

**Jane** – (bem baixinho, debaixo do lençol) Ôh inferno!

**D. Biela** – (levanta-se furiosa) Pensa que não escutei? Me respeita!

**Jane** – (lentamente, tira o lençol do rosto, acena a cabeça negativamente e, somente com movimentos labial diz): Ohhhh infeeernooooo!

**D. Biela** – Agora chega! (acende a luz) ninguém mais dorme nesse cortiço!

**Mãe** - (ninando o “bebê” imaginário – um pano enrolado) Psiuuu! Não vêem que vão acordar meu filho? (canta para o “filho” uma canção de ninar)

(começa uma gritaria generalizada)

- Apaguem essa luz e calem essa boca!
- Olha o respeito aí, faz favor!
- Se eu perco “as paciência”....

(breve momento de silêncio geral)

**D. Biela** – Num fui eu que...

**Mãe** – Psiu!!!! (para o filho) Não se assuste filhinho. Quer que mamãe conte uma história?

(chegam Nogueira e Ana bêbados)

**Nogueira** – Porque fomos atacadas? Tá na cara que somos miseráveis.

**Ana** – Atacam por isso mesmo.

**Nogueira** – Mas você sabe a razão?

**Ana** – Gente como nós, existir já é uma coisa muito errada.

**Nogueira** – Como assim? Não estou entendendo.

**Ana** – Tem gente que não gosta de ver miseráveis por aí.

**Nogueira** – Mas eu só quero saber uma coisa: eu fiz alguma coisa com eles?

**Ana** – eu desisto!

**Nogueira** – Fiz?

**Ana** – Você é pobre, cabeça tonta! Não entende?

**Jane** (deitada. Parecia dormir, mas está acordada) – um dia te matam. Te jogam gasolina e tocam fogo ou então, te furam toda.

**Nogueira** – Eh! Imbecil! Nem sabe do que estamos falando.

**Jane** – Não? Pois sei muito bem! Vocês são duas malucas. Bebem e saem andando por aí, de madrugada, perambulando... Um dia aparecem mortas, na capa de um jornal...

**Nogueira** – Pois saiba que não tenho medo de morrer!.

**Jane** – E vai ser enterrada como indigente. Ninguém vai ligar pra você.

**Ana** – Esquece Jane. Vai dormir. Deixa que eu cuido da Nogueira.

**Nogueira** – Precisa cuidar de mim não. Vô me enfiar debaixo das cobertas. Não escutou a Jane? Sou indigente! Boa noite!

**Ju** – (pega um livro e começa a ler em voz alta).

**Jane** – (levanta-se, vai até Ju e toma o livro dela, bruscamente, joga o livro no chão e pisa).

**Ju** – Que foi? Ficou louca? Me dá meu livro, idiota!

**Jane** – Não aguento mais isso! Toda noite essa luz acesa e daqui a pouco, a choradeira! Chega disso, ta certo? Tem mais gente aqui, que precisa dormir. Não tô nem aí pros seus conflitos pessoais.

**Ju** – (grita) Me dá meu livro... sua... (grita) Tirem essa idiota daqui!

**Jane** – Olha o que eu faço com o seu amiguinho... (rasga o livro e joga pelo espaço todo)

**Ju** – (começa a chorar, avança em Jane. As duas rolam pelo chão. Pessoas separam-nas) Sua louca! Vocês estão vendo, estão vendo! Se um dia ela não amanhece, já sabem por que!

(Ju pega outro livro, começa a ler em voz ainda mais alta e chorar ao mesmo tempo).

**Jane** (raivosa, mas baixo) - Ôh inferno!!

**Mãe** – (se assusta) Olha o que fizeram!! Acordaram outra vez o meu bebê. (começa a cochichar para o filho) Nós vamos nos vingar. Vamos matar todos eles, todos eles, vamos matar, todos eles. Todos morrerão, todos eles morrerão. Venham, vou colocar você na caminha. (deita-se com o filho imaginário)

**Jane** (para Ju) Tô me vendo aí de novo, arrancando essa biblioteca de suas mãos... metida a intelectual!

**Mãe** ( levanta-se, começa a andar de um lado para outro, sonâmbula)

**Ana** – (senta, ainda enrolado no cobertor) Até agora fiquei aqui, caladinha no meu canto, mas to me arrebetando de raiva! Não tenho nada que ver com suas desavenças. Preciso dormir que amanhã pego cedo nos afazeres, que não sou vagabunda.

(Breve instante de silêncio).

**Maisena** – Ma-mamae, eeu estou mumuito nene nenervoso com com o oo eexame que que vou fafa fazer amanhã. A sesen senhora vevem coco comigo?

**Mãe** - Aprendi a entender que a vida não atende a interesses individuais e sim coletivos. Vivemos numa época em que até cientistas admitem a existência de uma “matriz não física” que envolve não somente a seres humanos, mas a tudo que existe no universo e que essa existência vem mesmo antes do surgimento do organismo físico. O pensamento vem da mente e controla o físico. Tais campos de energia nada tem a ver com religião ou ciência. Trabalhar a consciência e o poder da palavra aumenta a capacidade criadora, transforma o desconhecido em conhecido e é através deste conhecimento que o homem se capacita.

**Maisena** – Ma-mãe, a acorda! Eeu toto falando co com vovoce.

**Tania** – Maisena, onde sua mãe aprendeu tanta palavra bonita?

**Ana** – Vão começar a bater papo? Claro, que pergunta... só gente desocupada.

**Maisena** – mama mamãe tra-trabalhou mumuitos aanos nunuma bibi biblioteca quaquando eera jojovem.

**D. Biela** – Ela lia todos os livros. Era faxineira da biblioteca e do cinema da cidade que morava e assistia a todos os filmes. Aprendeu a falar inglês, só assistindo aos filmes. Ela lia até jornal que enrolava os legumes que comprávamos na feira.

**Maisena** – Ela gogosta de de viajar papara oo dedes desconhecido.

**D. Biela** – Ela fica assim, logo no início do sono, principalmente quando aumentam os problemas...

**Maisena** – Nããõ preprecisa didizer queque eeu sosou o proproblema, queque eeu jaja sei, ta bom?

**Mãe** – A velhice e a infância são idades que tem grande relação entre si e não vejo nelas outra diferença, senão as rugas da velhice. Vejam: a brancura dos cabelos, a falta de dentes, o abandono do corpo, o balbucio, a garrulice, as asneiras, a falta de memória, a irreflexão, tudo coincide nas duas idades. Enfim, quanto mais entra na velhice, tanto mais se aproxima o homem da infância, sem desejar a vida e sem temer a morte.

**Ju** – Alguém acorda essa mulher pra ela calar a boca, por favor. Maisena...

**Maisena** – dedeixa mamamae fafalar

**Mãe** – Ohhhhh inferno!

**Mãe** – A verdade é que o homem de início aparece sobre a face da terra como uma criatura potencialmente humana, mas ainda não atualizada em sua homilidade. O corpo desse homem era o do animal, como o é ainda hoje, mas nesse corpo animal existia o germe ou a potencialidade para se tornar um homem integral. O homem não era simplesmente animal, do contrário, não se teria tornado homem, porque ninguém se torna o que não é, ninguém se torna explicitamente o que não é implicitamente. Por exemplo, se um coquinho não fosse implicitamente um coqueiro, nunca se tornaria explicitamente um coqueiro.

**Ana** – Agora chega! Faz essa mulher calar a boca.

**Maisena** – na não fafá fafala assim com com miminha ma ma mãe não que eeu vi viro bibibicho.

**Ana** – Bicho? Você é igualzinho a um papagaio. Vê se cala a boca que não dá pra agüentar sua gagueira não. Todo mundo pensa isso, mas não fala, com pena de você.

**Tania** – Ana, por favor...

**Ana** – Ahhh... me deixem dormir sossegada, droga!

**Mãe** – Assim como o macrocosmo sideral é uma perfeita harmonia automática entre o pólo centrípeto e o pólo centrífugo, assim deve o microcosmo hominal fazer de si uma perfeita harmonia espontânea entre o seu Eu central e o seu ego periférico...

**Ju** – Será que não percebem que estou lendo? Que saco! Calem a boca!

**Maizena** (pega várias sacolas cheias de objetos roubados, incluindo uma rosa, um jornal e uma sacola com medicamentos) – E aí ggalera, aí ó, presente pra totodo mundo. Pra pra acalmar os os ânimos (distribui coisas como relógio, pulseiras, colares, agasalho, etc. Dá a sacola de remédios para Ana).

**Ana** – (fazendo um gesto de negação, recebe a sacola e começa a olhar os medicamentos, um a um).

**Madame Lilás** – Maizena, me dá aí esse jornal. Perdi o sono.

**Maizena** – Na hora sogrona! (entrega o jornal para Madame Lilás e uma rosa para Jane).

**Jane** – (Pega a rosa e joga no chão) Rosa roubada! Toma vergonha!

**Ana** – (joga a sacola de medicamentos em Maizena) – imbecil! Curtindo com a minha cara??

**Tania** – Calma Ana. Ele teve boas intenções.

**Ana** – De boas intenções, o inferno está cheio!

**Maizena** – Qual é mané? Que foi?

**Ana** – (pega a sacola no chão, vai retirando os medicamentos e um a um lendo as indicações) Esse aqui é pra pele... esse pra calvície... esse é Viagra, seu...

**Tania** – Ana... (tosse) Desculpa Maizena. (lentamente vai recolhendo os remédios)

**Maizena** – (ajudando a recolher os medicamentos) Tania, é sério, eu não não quis ofender. Fui... fui... passando a mão, vo você sabe... não deu tempo de ler ler bula, selecionar, coisa e tal...

**Tania** – Sei que quis ajudar, mas (tosse) faz mais isso não, viu? Não gosto!

**Maizena** – Pre prefere morrer aí, de de vagarzinho? Falou ta falado! (se joga na cama e começa a comer um biscoito crocante, barulhento e a cantarolar um pagode).

**Jane** – (embaixo dos lençóis) oh inferno!!

**Madame Lilás** (lendo jornal) – Jane, Jane, olha isso!

**Jane** – a essa hora da noite? O que foi?

**Madame Lilás** – Se não fosse por outro motivo, seria porque ninguém consegue dormir nesse chiqueiro. Olha que achado! É, nada é por acaso. Não foi a troco de nada que esse maluco aí trouxe hoje esse jornal. Veja!

**Jane** – Esse jornal é muito velho. Se ta procurando emprego, desiste. Vão dizer que a vaga já foi preenchida, ou que a senhora é muito velha, etc...

**Madame Lilás** – Eu sei. Não é nada disso não. Eu tive uma idéia maravilhosa pra tirar a gente daqui.

**Jane** – Idéia maravilhosa? A essa hora? Vou fingir que estou dormindo e sonhando, que não estou ouvindo isso. Ah, mãe! A senhora tem cada uma!

**Madame Lilás**– Mas que dificuldade! Na seja teimosa!

**Jane** – Vai ficar agora dando lição de moral?

**Madame Lilás** - Não, não! Eu falo muito sério. Este jornal me deu uma idéia. Deus sabe, que se até hoje você não arranjou um casamento, a culpa não foi minha.

**Jane** – Nem minha! Que papo é esse?

**Madame Lilás** – Talvez um pouco sua.

**Jane** – Minha?!?

**Maizena** – (canta) – tam tam tamtam... tam tam tamtam... Senhorita, concede-me sua mão em casamento? Sem esquecer todo o resto, claro!

**Jane** – (acha graça) “Antes só do que mal acompanhado!”

**Maizena** – “Água mole me pedra dura, tanto bate até que fura!”

**Ana** – (com raiva) E “Deus ajuda que cedo madruga!”

**Madame Lilás** – E “em boca fechada não entra mosca”

**Maizena** – Tá ta bem! Não não ta mais aqui quem falou! Fufui!

**Jane** – (dá vários murros no colchão) oh inferno!!

**Madame Lilás** – (para a filha) - Você sabe, ficamos pobres, perdemos tudo.

**Jane** – E precisa ficar repetindo isso, o tempo todo?

**Madame Lilás** – Eu sempre dizia que não era para se casar com o primeiro que aparecesse, mas agora, a coisa mudou. Você deve se preocupar... O tempo vai passando... Enfim, às vezes vale a pena uma mulher entregar-se um pouco à sorte.

**Jane** – Onde a senhora quer chegar? Tá dizendo que devo me casar com o primeiro que aparecer?

**Madame Lilás** - Olha esse aqui do jornal, parece um excelente partido.  
Escuta: – “Moço, brasileiro, de 30 anos de idade, engenheiro, de fina educação, situação financeira definida, procura moça para casamento...” venha cá, olha isso!

**Jane** – Hummm... Esquisito! Um partido desses procurando mulher no jornal? Tem alguma coisa errada!

**Madame Lilás** – Hoje em dia, tem muitos desses anúncios, em jornais.

**Jane** - Alguma esse sujeito quer... Deixa eu ver. (Lê uma parte e fica muito interessada)  
– Talvez seja funcionário público... Se for, tanto melhor.

**Madame Lilás** – É. Diz aí que tem situação financeira definida.

**Jane** – É aí que mora o problema. Como um homem que tem situação financeira definida, fica pedindo mulher pra casar, em jornal? Hummm... sei não!

**Madame Lilás** – Aqui, veja, ele pede as qualidades da moça, e você se encaixa perfeitamente. “moça séria, de 15 a 20 anos de idade...”

**Jane** – Impossível! Não sabe que fiz 21 anos?.

**Madame Lilás** – Acabou de completar. “... educada, bonita, inteligente...” você, modéstia à parte... Bem, o resto não tem importância “...que tenha gosto pela poesia, domine o inglês, francês e o espanhol...”

**Jane** – mal... mal!

**Madame Lilás** - Detalhes, apenas detalhes!

**Jane** –Acabou o anúncio?

**Madame Lilás** –(olhando o jornal com muita surpresa) Não, espere... que decepção!  
Tinha me escapado isto!

**Jane** – o quê?



**Madame Lilás** – “... e que possua situação financeira definida” - que decepção!!

**Jane** – Que sujeitinho idiota! Bonita, inteligente, 15 a 20 anos, fale idiomas e ainda possua situação financeira definida! Se eu tivesse tudo isso, estaria procurando um anúncio de casamento em jornal?? Cretino!!

**Maizena** – Vi viu princesa? “Mamais vale um papássaro nana mão do que dodois voando!”

**Jane** – Cala a boca, bastardo!

**Maizena** – (canta um pagode para Jane. Ela vira as costas para ele. Ele ainda cantando, tira a Ana para dançar, cheios de sensualidade e palhaçadas).

**(Mulher (Sara)** chama do lado de fora, com voz ansiosa) – Madame, Madame Lilás, preciso da senhora, com urgência. Abra a porta!

**Madame Lilás:** Que diabos é isso? Alguém me procurando a essa hora da noite?

**Jane** – Oh... Inferno!!!

**Ju** – Não estou acreditando nisso!

**Madame Lilás** – Já vou. Calma aí!! (coloca um roupão, vai e abre a porta). Sim, minha senhora. Queira entrar. Sente-se.

**Sara** – (entra, senta-se e fica muda por longo tempo).

**Madame Lilás** - A senhora deseja expor o motivo que a trouxe até aqui, ou quer que as cartas por si só diga o motivo?

**Sara** – Meu nome é Sara. Há várias noites que não consigo dormir. Preciso desvendar o mistério que me trás até aqui, agora. Me falaram da senhora.

**Madame Lilás** – Então a senhora acredita nas virtudes da cartomancia?

**Sara** – Cegamente! Sempre deu certo para mim.

**Madame Lilás** – Ainda bem, porque sem isso, nada poderíamos fazer. (começa a embaralhar as cartas).

**Sara** – (ansiosa)Devo contar algumas coisas para a senhora. É que meu marido...

**Madame Lilás** – Não lhe perguntei nada sobre seu marido. Deixe que as cartas falem.

**Sara** - Meu Deus! Fale logo.

**Madame Lilás** – (olhando as cartas) As cartas dizem que o que a trouxe aqui foi... um problema com seu marido...

**Sara** – (suspirando) Sim!! Aquele desgraçado!

**Madame Lilás** . A causa... são problemas no relacionamento com seu esposo. Coisas que a fazem sofrer horrivelmente.

**Sara** – É verdade! Oh, como isso é verdade!

**Madame Lilás** – (olhando outra carta) A senhora está convencida de que ele deixou de amá-la. A senhora chegou a esta conclusão...

**Sara** – Mande seguir ele...

**Madame Lilás** – Não estou lhe perguntando nada. Estou perguntando para as cartas. (olhando outra carta) A senhora está aflita porque pensa que ele ama outra, uma... deixa ver... não está muito claro... uma... morena?!?

**Sara** – Morena?? Só se for outra, pois é loura!

**Madame Lilás** – Falsa!

**Sara** – Falsa?? Eu??

**Madame Lilás** – A loura.

**Sara** - É certo, então?? Eu sabia! Aquela secretária, falsa!

**Madame Lilás** – É certo que a senhora pensa assim, mas não é certo que seja certo. A loura é falsa!

**Sara** – Mas como as cartas advinham tudo?

**Madame Lilás** – Tudo minha senhora. Ah, as cartas acrescentam que a tal loura, deixa a desejar até em moralidade.

**Sara** – Isso então, nem se fala. É uma lambisgóia!

**Madame Lilás** – (olhando outra carta) A senhora se separou dele... (olha de rabo de olho para a mulher e percebe que ela faz uma careta, discordando) não, não... li errado, não se separou dele, mas pensa em se separar, só para dar uma lição nele (olha de rabo de olho e vê que ela está discordando) Ah, como minhas vistas estão ruins, a senhora sabe, ler cartas a noite oferece certos riscos... Enfim, o que dizem as cartas é que a senhora o ama e pensa em lutar, corajosamente, por seu marido.

**Sara** – Sim, pensei nisto. Mas que incrível!!

**Madame Lilás** – (olhando outra carta) logo ele deixará a loura falsa, pois lhe ama.

**Sara** – A senhora acha?

**Madame Lilás** – Eu não, as cartas, que não mentem jamais! Ele ama a senhora..

**Sara** – Será? Então porque me trai?

**Madame Lilás** – Vou ter que perguntar isso às cartas, pois eu por mim mesma, nada sei sobre a vida ou sobre homens. Um momento.... (embaralha outra vez as cartas, manda-a cortar e lê a carta) Aqui está a confirmação. Ele a ama muito e só ficou com a loura falsa, porque ela se jogou sobre ele, quase o obrigou. Ele, para não ficar com má fama, resolveu ir em frente, mas falou o nome da senhora, naquele momento, a senhora sabe. Ele disse: Sara, minha Sara, como te amo!!

**Sara** – Verdade? Oh, meu amor!! (para a madame) A senhora é uma santa!

**Madame Lilás** – Deseja saber mais alguma coisa?

**Sara** – Não. Está tudo maravilhoso. Devo correr para casa, pois meu marido chegará a qualquer momento. E pensar que pensei em matá-lo. Quanto lhe devo?

**Madame Lilás** – Bem, não costumo ter preço fixo, pois depende do que as cartas revelam aos clientes. Cada cliente paga na proporção da ajuda que recebeu. Por exemplo, a senhora ficou sabendo que seu marido a ama e mais, não terá que matá-lo e passar o resto da vida na cadeia.

**Sara** – Bem... (tira um pacote de dinheiro da carteira) Não é muito, mas é tudo que tenho. Assim, parece que a quantia paga é suficiente, pois estou dando tudo e não uma parte do que tenho, certo?

**Madame Lilás** – ta, mas da próxima vez, traga uma quantia mais significativa, senão as cartas ficarão cegas, surdas e mudas. Vá logo antes que ele chegue.

Ah, reze antes de falar com ele e acredite em tudo que ele lhe disser, pois estará sendo muito sincero.

**Sara** – Assim farei. Até breve! (sai)

**D. Biela** – Essa coitada que saiu aí agora, deve de ser uma chifruda daquelas. Num deve de ser só loira não. Deve de ser loira, morena, mulata, negra e sei lá mais o que. Tamém, vai ser burra assim La na conchinchina!

**Maizena** - coitada dedela... acre acre acreditar em cartas...

**Madame Lilás** – ninguém tem nada que ver com a minha vida. Alguém aqui me sustenta? Paga o aluguel desse chiqueiro pra mim? Devo satisfações pra vocês? Alguém aqui me deixa dormir quando eu quero? Dá licença que a desgraça da outra me aliviou o sono. além do mais, evitei uma morte e salvei um casamento. Boa noite!

**Ju** – (chora baixinho)

**Jane** – Estão vendo agora o que eu dizia? Que história é essa agora?

**Ju** – Ele traiu, traiu, traiu!!! Aquele crápula! Olha, não se deve nunca confiar em homens, são todos iguais, traidores, inescrupulosos, sem sentimentos

**Jane** – traiu?

**Maizena** – o que foi que te deu, Ju?

**Ju** – Maizena, fique calado, que você também é homem e como tal, é também um traidor! As mulheres, por piores que sejam, são melhores que os homens. (pausa, chora) ele não precisava fazer isto, é o cúmulo! Eu nunca vou perdoá-lo!

**Maizena** – afinal, quem traiu você?

**Ju** – (chorando, aponta para o livro) ele! Eu nunca imaginei que ele chegasse a tal ponto, apesar de estar já desconfiada.  
(todos se olham)

**Maizena** – ele, você quer dizer... ele, o o perper personagem?

**Ju** – personagem?? Personagem para você, mas para mim, é real, existe e faz parte da minha vida. É com ele que eu acordo e durmo, é por ele que eu respiro!

**Maizena** – Ju, tam tam também precisa se se tratar.

**Ju** – me tratar? Estão pensando que estou louca?

**Maizena** – não exatamente lolouca, nervosa, um pouco nervosa!

**Ana** – acho engraçado: vocês oferecem para ela se tratar e nunca ofereceram ajuda para Tânia.

**Maizena** – Ana, todos sabem que o caso da sua irmã é grave demais...

**Ana** – tá, não precisa dizer mais nada!

(**Tania** começa a tossir, no início baixinho e vai aumentando os gemidos. Ana fica muito aborrecida)

**Ana** – Começou ela... tossindo!

**Tania** – Aqui ninguém respeita o sossego de ninguém. Vivem aos berros!

**Ana** – Deixe que berrem. Morra em paz!

**Tania** – Nem isso me deixam... morrer em paz! (começa a tossir)

**Ana** – Quer saber? Não suporto mais isso. Até quando?

**Jane** – você é uma grossa Ana. Dá um tempo. Ao invés de cuidar dela...

**Ana** – E o que é que eu faço todo dia? Não dou comida? Remédio quando posso? Não tem uma coberta pra se cobrir? Um colchão pra deitar? O que mais posso fazer? Respirar por ela? Ela que respire sozinha! O ar é grátis.

**Tania** – Parem com isso! Preciso sossego. Ana, pega um copo com água pra mim e o meu xarope!

**Ana** – A água pode até ser, mas o xarope acabou.

**Tania** – Não pode ser (tosse) Não pode ser!

**Ana** – (pega a água) Aqui. Bebe e vê se para de tossir.

**Tania** – você acha que tusso para te aborrecer.

**Ana** – Sei que não é, mas aborrece assim mesmo.

**Tania** – Me perdoa.

**Ana** – Pode parar. Não vou mais ficar comovida com isso.

**Tania** – Isso não vai durar muito.

**Ana** – Melhor para você. (pausa) E para todos daqui.

**Tania** – Você é cruel.

(silêncio total. **Tania** continua tossindo)

**Ana** – Vou ver se consigo algum dinheiro amanhã, para comprar o xarope.

**Madame Lilás** – Toma, vai logo na farmácia, senão ninguém dorme mais essa noite.

**Ana** – (demora um tempo)

**Madame Lilás** – Toma logo, antes que me arrependa!

**Ana** – (recebe com raiva) Te pago assim que der. (sai)

**Madame Lilás** – Precisa pagar não. Já disseram que tudo que vem fácil vai fácil. Merda! (para Tânia) Mas num pensa que to dando esse dinheiro com raiva não, é de coração, viu Tania? Quero que melhore logo.

**Tania** – Deus lhe pague Lilás. Você tem um bom coração.

**Atriz** – Tô aqui, observando vocês. Sabiam que dá pra escrever uma comédia? A semana passada fiz teste pra participar de uma peça de teatro. Tenho certeza que vou ser escolhida. Amanhã de manhã a trupe vai passar para pegar a atriz escolhida. Já fiz minha mala. Sei que serei eu. É o resultado de um curso que eu fiz. De graça. Tudo de graça. Essa palavra é tão interessante... graça... quer dizer muitas coisas, sabiam? Eu tive que inventar uma cena pra apresentar. Podia ter interpretado vocês. Vocês são uma graça...

**Jane** – Porque não interpretou a Ju? Ela é uma pessoa, apaixonada por uma personagem... não é fantástico?

**Atriz** – eu também sou apaixonada por personagens, mas não igual a ela, claro. Minha paixão vem de outra zona. (vai até Ju) Ju, me empresta um pouco seu livro?

**Ju** – Ta maluca? Isso lá é coisa de se emprestar?

**Atriz** – Te devolvo logo. Só vou ver se consigo achar uma personagem pra mim.

**Ju** – Até você? Querendo me trair assim, na cara de pau?

**Atriz** – Volta pra terra, Ju!

**Ju** – Sai daqui. Me deixa em paz!

**Maizena** – Ju, sabia que eu sou um personagem? Sim, personagem! Sabia que teve um personagem assim, como eu... ou sou eu que sou como ele, que roubava dos ricos para dar aos pobres? Então, sou assim. Me dá uma ago ago agonia tão grande ver gente com fome, fúria, nas ruas ou, em lugares como esse aqui...

**Nogueira** – E roubar resolve?

**Maizena** (dá um grito furioso, que assusta a todos) Eu não ro roubo de de pobres!!

**Nogueira** – Robin Hood!!

**Maizena** – (grita) Isso mesmo! RoRobin Hood! Robin Hohood! Robin Hood!  
(longo tempo de silêncio) JuJu, a Jane nanão quis ficar comigo. Como eu di dizia, sou pe personagem. Todos nós sosomos personagens, sabia? Vem comigo Juju. Olha, se você ficar cocomigo, vamos viver o mais lilindo romance. Você vem Ju? Vem?

**Atriz** – Você? Você nunca viverá um romance. No máximo será uma belíssima tragédia ou, quem sabe, uma comédia de erros, um besteirol!

**Nogueira** - Uma tragédia... uma tragédia...

**Atriz** – Que loucura! (pausa) Pessoal, vou interpretar um texto pra vocês. Só não me lembro quem é o autor. (coloca uma máscara) Pessoal, aqueles de vocês que estão acordados, escutem e me digam o que acham:  
Uma vez...

**Jane** – (grita) oh inferno!!

**Atriz** – Uma vez, me lembro bem, eu estava começando... um ator começando a se apaixonar por sua arte – um moça se apaixonou por mim por causa de meu talento. Era bonita, esbelta como um lírio, jovem, inocente, pura e ardente como manhã de verão e ela tinha um olhar azul e seu sorriso maravilhoso faziam recuar até mesmo a noite. Uma vez, me lembro bem, eu estava diante dela, como agora, aqui com você... ela estava mais linda que nunca, e seu olhar... ah! Dele eu não esqueço, nem mesmo na tumba! O carinho, o aveludado, a profundidade daquele olhar, o arrebol da juventude... embriagado, louco de felicidade, eu caio aos seus pés, e peço a sua mão! E sabem o que ela respondeu ? Heim???? “largue o teatro!” vocês compreendem? “lar-gue-o-te-a-tro!”. Ela podia se apaixonar por um ator, mas casar com ele, nunca! Naquela noite, me lembro bem, eu tinha espetáculo. um papel infame, de farsante. E enquanto representava, eu senti meus olhos se abrirem. É... compreendi que a arte sagrada não existia, que tudo era engodo e mentira, que eu não passava de um escravo, um fantoche para os ociosos, um bufão, um farsante!...

**Tania** – (tosse) Ana que não chega. Estou muito mal.

(silêncio total)

**Jane** – Tudo errado. Conheço esse texto. Inventou a metade.

**Atriz** – e daí? Importa a emoção. Fui bem, não fui? Não fui pessoal? Isso é tão importante pra mim... eu preciso que acreditem em mim, preciso. Preciso daquele papel. Não sei porque. Sei que preciso.

**Jane** – Preciso, preciso, preciso... é só isso que sabe falar?

**Atriz** – Preciso, preciso, preciso, (vai baixando) preciso, preciso (sussurando) preciso, preciso, preciso.... (deita-se e cobre a cabeça)

**Nogueira** – Tá difícil. Preciso um trago. Alguém me faz a caridade de me oferecer um trago?

**Ana** – Melhor que faz é não beber mais hoje. Amanhã é um outro dia.

**Nogueira** – E o que tenho eu a ver com outro dia? Preciso viver agora. Me dá logo um trago.

**Ana** – No que depender de mim, vai ficar na seca de agora pra frente. Não quero ver você morta por filhinho de papai, nessas ruas malucas.

**Nogueira** – (levanta-se, sai de cena, bebe e diz) Epa! Essa é das boas! (volta, deita-se) Agora sim, vou dormir e ver se haverá amanhã!

**Ana** – (entra, abre o xarope e coloca ao lado da Tania) Toma e vê se me deixa em paz!

**Atriz** – Tenha fé Nogueira. Claro que haverá amanhã. Para mim haverão muitos e maravilhosos, tenho certeza! Sabe, eu já fiz minha mala. Amanhã, bem cedo, virá uma pessoa da trupe de teatro me buscar. Eu vou viajar o mundo todo, apresentando teatro. Eu amo interpretar.

**Nogueira** – pra mim, tanto faz!

**Ana** – Só mesmo interpretando para agüentar essa vida.

**Madame Lilás** – agora todo mundo dormindo, pois tudo está resolvido. Tania já está dormindo e quando acordar, toma o xarope, (para a atriz) você já fez sua mala e Nogueira já tomou seu trago. Agora chega. Apaguem as luzes.

(breve momento de silêncio. **Tania** está morta mas ninguém observa)

**Ana** – Não vai tomar não? Tenho que te dar na boca? (empurra o braço de Tania e vê que ela está imóvel) Tania... Tania... (vê que ela está morta) Morreu... (todos ficam paralisados. Todos ficam agora sentados ou se aproximam, olhando) está morta!

**Atriz** – Logo que amanhecer eu vou sair daqui. Não quero terminar assim.

**Nogueira** – Eu não disse que não há amanhã? Tudo termina assim. Mas é natural. Tudo que é vivo, morre!

**Madame Lilás** – Mas não tem necessidade de ser assim, na miséria, sem dinheiro para um xarope.



**Jane** – Mamãe, eu quero sair daqui também.

**Atriz** – Alguém tem que fazer alguma coisa. Se está morta, tem que providenciar o enterro.

**D. Biela** – (acorda) Morta, quem, quem está morta?

**Madame Lilás** – O corpo nem esfriou ainda e já querem enterrar. Primeiro, tem que ter um velório, decente.

**D. Biela** – querem fazer o favor de me dizerem quem está morta?

**Atriz** – Porque tem noites que parecem que não acabam nunca?

**Nogueira** – ainda agora, pensei que tinha bebido a última de hoje, mas agora é que vou começar mesmo. (sai, pega bebida, vem e distribui) Alguém aceita?  
(Várias pessoas aceitam, começam a beber)

**D. Biela** – Eu quero, quero beber. Acordar assim... ninguém merece!

**Ana** – O dia está amanhecendo... Agora, espero que as coisas mudem...

**Atriz** – Eu já disse pra vocês que quando o dia amanhecer, alguém da trupe virá me buscar?

**Jane** – ninguém virá buscar você maluca. Esqueça isso.

**D. Biela** – Eu morro de medo de gente que morre. Não fico mais aqui nem um dia.

**Atriz** – Eu sei que alguém virá... alguém virá... alguém da trupe... virá... A minha vida vai mudar, dentro de instantes, a minha vida vai mudar...

**Ana** – Cala essa boca.

(longo tempo de silêncio. Toca a campainha. Todos ficam em suspense. A Atriz corre, pega a mala e vai, solenemente abrir a porta).

**(Uma pessoa)** – Pronta?

**Atriz** – Estou.

**(pessoa)** – Então vamos!

**FIM**